

## A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO TEM ROSTO DE MULHER

CAROLINA GANDOLFO DAVANZO JARDIM SIQUEIRA<sup>1</sup>

JULIANA MARTELI FAIS FERIATO<sup>2</sup>

**SUMÁRIO:** INTRODUÇÃO. 2 DICOTOMIA: PÚBLICO E PRIVADO. 3 A ENTRADA DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO. 4 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO FEMININO. CONSIDERAÇÕES FINAIS. REFERENCIAS FINAIS

**RESUMO:** Ao longo da história, o papel da mulher na sociedade sofre modificações significativas. Este artigo visa analisar a precariedade que as mulheres estão sujeitas dentro do mercado de trabalho, abordando as dificuldades e conquistas femininas, por meio análise bibliográfica de autores e pesquisadores que trabalham sobre o tema. Hoje, já há uma presença significativa das mulheres em cargos e papéis cada vez mais variados dentro do mercado de trabalho, mas, a discriminação histórica da mulher apenas foi amenizada, uma vez que as condições em que a mulher se insere no mercado ainda são inferiores em relação às dos homens. Além disso, mesmo com sua emancipação profissional, a mulher, por vezes, é submetida a papéis ligados a ao gênero, sendo responsabilizada, quase que exclusivamente, as tarefas do lar. Assim, ainda há um longo caminho a ser percorrido pelas mulheres para que realmente haja igualdade de gênero dentro do mercado de trabalho.

**PALAVRA-CHAVE:** Gênero. Mulher. Precarização. Mercado de Trabalho.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Ciências Jurídicas do Centro Universitario de Maringá (Unicesumar); Especialista em Direito Público pela Universidade Anhaguera (Uniderp); Advogada da Ordem dos advogados do Brasil – Seccional do Paraná; E-mail: carol\_siqueira\_@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente e Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Senso do Centro Universitario de Maringá (Unicesumar); Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI); Endereço: Avenida Guedner, nº 1610, Jardim Aclimação, Maringá-PR; Telefone: (44)991555001; E-mail: [juliana.fais@unicesumar.edu.br](mailto:juliana.fais@unicesumar.edu.br).

## PRECARIZATION OF WORK HAS WOMAN'S FACE

**ABSTRACT:** The course of history, the role of women in society undergoes significant changes. This article aims to analyse the precariousness that women are subjected within the labour market, addressing women's difficulties and achievements through bibliographical analysis of authors and researchers who work on the topic. Today, there is already a significant presence of women in increasingly varied positions and roles within the labour market, but historical discrimination against women has only been alleviated, as the conditions under which women enter the market are still lower. compared to men's. In addition, even with her professional emancipation, women are sometimes subjected to gender roles and are almost exclusively responsible for household chores. However, there is still a long way to go for women to really achieve gender equality within the labour market.

**KEYWORD:** Gender. Woman. Precariousness. Labour market.

### INTRODUÇÃO

Hoje, já há uma presença significativa das mulheres em cargos e papéis cada vez mais variados dentro do mercado de trabalho, mas, a discriminação histórica da mulher apenas foi amenizada, uma vez que as condições em que a mulher se insere no mercado ainda são inferiores em relação às dos homens. Além disso, mesmo com sua emancipação profissional, a mulher, por vezes, é submetida a papéis ligados a ao gênero, sendo responsabilizada, quase que exclusivamente, as tarefas do lar. Busca-se, assim, através análise doutrinária e examinar as condições do trabalho feminino.

Para tanto, será verificado o papel da mulher na história, fazendo uma divisão entre os espaços público e privado, e como a mulher conquistou a esfera pública, historicamente destinada aos homens. Assim, é necessário em primeiro analisar os conceitos desses institutos para que se possa compreender o papel da mulher na sociedade.

Em segundo lugar, será examinado como se deu a inserção da mulher no mercado de trabalho ao longo da história, e o papel desempenhado por elas como classe trabalhadora.

Por último será analisada a relação da mulher e o mercado de trabalho e as desigualdades que ocorrem entre homens e mulheres dentro das empresas. As conquistas femininas são inúmeras em relação a sua independência, mas as condições que as mulheres são submetidas para conseguir se manter no mundo público muitas vezes acarretam desrespeitos a muitos direitos.

## **2 DICOTOMIA: PÚBLICO E PRIVADO**

Na história das mulheres a dicotomia da sociedade em espaço público e privado possui grande importância para a separação dos sexos masculino e feminino, influenciando na hierarquização e no poder que um gênero exerce sobre o outro. Com o desenvolvimento do capitalismo e a emergência das cidades industriais no século XIX nasce o ideal burguês de família, pelo qual o masculino é destinado à vida pública e o feminino é direcionado à vida privada.<sup>3</sup>

O homem passa a exercer o papel de provedor da família, a qual deixa de ser uma instituição que produzia o seu sustento com a produção agrícola, para ser consumidora dos produtos fabricados pelas indústrias. A mulher, por ser caracterizada pela emoção e intuição lhe foi reservado o espaço privado, já ao homem foi destinado o espaço público, uma vez que aquele representa a razão, o poder<sup>4</sup>. Assim, o conceito de trabalho começa a ser ligado ao gênero. Nesse sentido, Grazielle Alves Amaral:

---

<sup>3</sup> ABOIM, Sofia. *Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna*. Estudos FAeministas. Florianópolis, 2012. Pág.

<sup>4</sup> COLLING, Ana Maria. *Mulheres e a Ditadura Militar no Brasil*. Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. História em Revista. n. 10. 2004. Pág. 03.

O termo privado remete à ideia de algo que não pode ser visto nem conhecido; portanto, silencioso, invisível e desqualificado. Dessa forma, as atividades do lar podem ser consideradas como invisíveis, por não serem valorizadas, principalmente na concepção capitalista, já que não resultam em nada produtivo para o mercado comercial.<sup>5</sup>

A separação do espaço público e privado gera inúmeras mudanças nas relações familiares e na sociedade. O lar passa a ser um refúgio para as questões emocionais, a figura materna é idealizada e ligada a feminilidade, restringindo a mulher ao lar, sendo excluída do mundo externo. Definindo assim, que ao homem pertencia o espaço público e a mulher era destinada a ser esposa, mãe e dona de casa. Para Sofia Aboim:

[...] as propostas do feminismo, ou dos vários femininos desde a primeira vaga florescente na Inglaterra e nos EUA dos finais do século XIX, tendem a associar o privado à família e o público à ordem política e económica na tentativa demonstrar a conexão entre uma ordem de género desigual e a construção moderna da dicotomia artificialmente criada entre público-privado. Esta traduz a diferenciação entre homens e mulheres, reproduzindo diferenças e excluindo as segundas do espaço público.<sup>6</sup>

A entrada das mulheres no mercado de trabalho se deu como forma de complementar a renda familiar, sendo forçadas a trabalharem de forma penosa, com jornadas exaustivas de 14 a 18 horas por dia e mal remunerada. Deste modo, a força de trabalho feminino passa a chamar a atenção “no início do século XIX, quando o trabalho feminino era visto como provisório, complementar e subalterno, e o capital utilizava-se disso para abaixar os custos com salários e para substituir os operários demitidos em épocas de crise.”<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. *Revista Itinerarius Reflectionis*. Jataí. v. 2. n. 13. 2012. Pag. 10

<sup>6</sup> ABOIM, Sofia. *Do público e do privado: uma perspectiva de género sobre uma dicotomia moderna*. Estudos Feministas. Florianópolis, 2012. Pág. 97.

<sup>7</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. *Revista Itinerarius Reflectionis*. Jataí. v. 2. n. 13. 2012. pag. 04.

Verifica-se que no início da inserção da feminina no mercado de trabalho, eram reservados os serviços subalternos as mulheres e aos homens os cargos mais importantes, com a justificativa de que era responsabilidade do homem sustentar a mulher e a família, não sendo necessário uma boa remuneração para as trabalhadoras. O trabalho feminino era considerado como não produtivo, como aduz Lilia Aparecida Kanan:

A Revolução Industrial, no período do Renascimento, propiciou o surgimento de fábricas e a decorrente aglomeração de massas ao seu redor. O poder passou a ser exercido mais pelos burgueses do que pelos senhores de terras e as mulheres pobres tiveram acesso ao domínio público, associando-o ao domínio privado, sua casa. Durante esse período, embora as monarquias tenham sofrido abalos e tenham emergido as novas repúblicas, o trabalho feminino nunca foi considerado produtivo, apenas o do homem.<sup>8</sup>

Apesar do trabalho feminino ser tão produtivo quanto o masculino, aquele era desmerecido devido a construção historicamente construída de que as características femininas de docilidade, fácil adaptação, subordinação e paciência. Essas características sujeitavam as mulheres a condições inadequadas de trabalho, baixa remuneração e trabalhos nada gratificantes. “A intolerância ao trabalho feminino, simbolicamente construída, possibilitava que as leis de proteção à mulher e à maternidade fossem burladas, o que fazia com que muitas delas retornassem ao ambiente do lar.”<sup>9</sup>

Salienta Claudia Mazzei Nogueira:

O mundo do trabalho acentuou profundamente a divisão sexual do trabalho, reservando para as mulheres espaços específicos que, na maioria das vezes, se caracterizavam pela inferioridade

---

<sup>8</sup> KANAN, Lilia Aparecida. Poder e Liderança de Mulheres nas Organizações de Trabalho. *Revistões – Organizações e Sociedade*. Salvador. Pag. 243/257. 2010. Pag. 06

<sup>9</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. *Revista Itinerarius Reflectionis*. Jataí. v. 2. n. 13. 2012. pag. 06.

hierárquica, pelos salários menores e por atividades adaptadas a suas capacidades inatas.<sup>10</sup>

Somente na metade do século XX, ainda com uma nítida divisão entre as esferas públicas e privadas, se nota um aumento na participação das mulheres no mercado de trabalho. As mulheres se direcionavam principalmente para o setor de serviços, escolhiam profissões como professora, enfermeiras, funcionárias públicas, vendedoras. Profissões femininas, que mesmo exigindo determinada qualificação, eram consideradas profissões que não requeriam tanta capacidade que não às “inatas” a mulher.<sup>11</sup>

De tal modo, que a mulher passa a ter duas realidades distintas e conflitantes: o papel da mulher tradicional (mãe de família) e profissional no mercado de trabalho, atraída pela maior independência e liberdade por ter sua própria remuneração. Nesse período, se verifica que o perfil das trabalhadoras era de mulheres jovens, solteiras e sem filhos. Uma vez que, após casadas se retiravam do mercado de trabalho e se dedicavam a família.

Somente no final do século XX, com as transformações culturais e sociais, maior ingresso das mulheres nas universidades, melhor qualidade de vida e maior expectativas de vida da mulher, proporcionaram uma mudança no perfil das trabalhadoras, que antes eram de jovens, solteiras e sem filhos, para mulheres mais velhas, casadas e mães com jornadas duplas de trabalho, acumulando a vida profissional com os cuidados com a família<sup>12</sup>. Portanto, apenas no final do século XX é que se pode considerar que as mulheres

---

<sup>10</sup> NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 18.

<sup>11</sup> CARRIERI, Alexandre P.; TEIXEIRA, Juliana C.; NASCIMENTO, Marcos C. R. *Gênero e Trabalho: perspectiva, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais*. Salvador: EDUFA, 2016. PAG. 163.

<sup>12</sup> CARRIERI, Alexandre P.; TEIXEIRA, Juliana C.; NASCIMENTO, Marcos C. R. *Gênero e Trabalho: perspectiva, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais*. Salvador: EDUFA, 2016. pag.164

passaram a fazer parte da força de trabalho mundial, em comparação a participação masculina no mercado de trabalho<sup>13</sup>.

A participação feminina trouxe para o ambiente de trabalho mulheres maduras, casadas e muitas vezes com filhos, ocasionando novos desafios para a relação de trabalho feminino: a reestruturação da reprodução social e da organização familiar. A busca por políticas públicas de reprodução social e um novo conceito de família, levando o homem e a mulher a uma divisão de trabalho justa, com companheirismo e respeito entre ambos, é condição para que as mulheres conquistem respeito e espaço no ambiente de trabalho.

### 3 A ENTRADA DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

As mudanças trazidas pelo capitalismo, junto com as transformações sociais, permitiram uma maior participação feminina no mercado de trabalho, fazendo com que as mulheres saíssem do ambiente doméstico e as colocando junto ao homem na produção social. Todavia, a inserção da mulher na figura de trabalhadora remunerada, não constituiu a sua “liberação em relação às tarefas domésticas, tampouco sua libertação e emancipação, pois ela continuou sendo submetida a condições de exploração, agora não só no âmbito familiar, mas também no profissional”<sup>14</sup>. “O fato é que a mulher executiva, além de precisar enfrentar questões relacionadas ao gênero dentro do contexto da empresa para construir sua carreira, também tem que lidar com a renegociação das relações de gênero no universo familiar”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> CORRÊA, A. M. H. *O assédio moral na trajetória profissional de mulheres gerentes: evidências nas histórias de vida*. 2004. 184f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

<sup>14</sup> BITTENCOURT, S. R. V. **A participação da mulher no mercado de trabalho e o cuidado dispensado aos filhos menores de sete anos, durante a ausência materna**. 1980. 75f. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1980.

<sup>15</sup> CARRIERI, Alexandre P.; TEIXEIRA, Juliana C.; NASCIMENTO, Marcos C. R. **Gênero e Trabalho: perspectiva, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais**. Salvador: EDUFA, 2016. pag. 169

A falta de uma infraestrutura alternativa para reprodução social afeta principalmente a carreira profissional das mulheres. Na ausência de um sistema estatal robusto de apoio social, as famílias que trabalham tentam uma série de improvisações de mercado, descoordenadas e caras, rumo a relações de igualdade de gênero em casa e na esfera pública<sup>16</sup>. O que resulta numa injusta estrutura de reprodução social cujos encargos recaem principalmente nas mulheres e a diferença salarial entre homens e mulheres muitas vezes deriva das questões da maternidade.

Por serem consideradas, historicamente, mais vulneráveis e menos protegidas as mulheres sofrem uma série de abusos no mercado de trabalho. Tais como exigência de teste de gravidez, preferência para noivas, casadas e mulheres com filho na hora da demissão, excesso de horas extras.

Boa parte da entrada da mulher no mercado de trabalho se deu em momentos de crise, quando o capitalismo se via na necessidade de flexibilizar os salários. Assim, a entrada das mulheres no mercado de trabalho se deu por intermédios de trabalhos instáveis, mal pagos e não qualificados. Nesse sentido, “as mulheres usadas como cobaias para o desmantelamento do sistema de salários (ainda que atinja a população masculina), pois elas são tidas como menos protegidas e mais vulneráveis que os homens”<sup>17</sup>. A falta do remanejamento familiar afeta, principalmente a mulher, como frisa Grazielle Alves Amaral:

“a presença de filhos pequenos é o que mais dificulta a atividade produtiva feminina, pois o cuidado dispensado a eles é uma das atividades que mais consome o tempo de trabalho doméstico das mulheres: em 2005, as mães se dedicavam às atividades reprodutivas quase 35 horas semanais com os filhos menores de 2 anos. Essa sobrecarga na esfera produtiva acaba fazendo

---

<sup>16</sup> SUK, Julie. Gender Inequality and the infrastructure of Social Reproduction. **Law and Political Economy**. 2018.

<sup>17</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. *Revista Itinerarius Reflectionis*. Jataí. v. 2. n. 13. 2012. Pag. 08



com que as mães de filhos pequenos apresentem taxas mais baixas de atividade produtiva.<sup>18</sup>

Outro motivo para o aumento da participação feminina no mercado de trabalho são as características típicas femininas, como comunicação, sensibilidade, intuição, afetividade e flexibilidade, habilidades principalmente valorizadas quando necessário lidar diretamente com os consumidores. Nesse sentido, Grazielle Alves Amaral salienta que:

Adams (1990) chama de “armadilha da compaixão” o conjunto de crenças difundidas e aceitas socialmente, que atribuem à mulher, como suas funções mais importantes, os papéis de proteção, criação e promoção do crescimento de outros. Implícito nesse construto está a ideia de que a mulher deve subordinar suas necessidades pessoais (inclusive as de desenvolvimento e de realização) ao bem-estar dos outros.<sup>19</sup>

Tais crenças podem ocasionar e manter a mulher em uma servidão prática e emocional. Muitas vezes as mulheres pegam para si esse papel de protetora, mas não só em casa, onde os afazeres recaem sobre ela, mas também no âmbito do trabalho. Encontra-se muito mais a participação feminina do que a masculina nas ditas profissões de ajuda, e por mais desvalorizadas que sejam vistas essas profissões, as mulheres muitas vezes as procuram com o intuito de se encaixar (muitas vezes inconscientemente) no papel historicamente dado a elas.

As estruturas psicológicas formadas ao longo da história possuem raízes tão profundas que ao alcançar o mercado de trabalho pode haver na mulher certo sentimento de culpa por não estar se dedicando ao papel tradicional da mulher, ou seja, não estar se dedicando ao cuidado do lar.

---

<sup>18</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. *Revista Itinerarius Reflectionis*. Jataí. v. 2. n. 13. 2012. Pag. 09.

<sup>19</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. *Revista Itinerarius Reflectionis*. Jataí. v. 2. n. 13. 2012. Pag. 10

Todavia, com as mudanças de comportamento da sociedade e do empoderamento feminino, a mulher ao se dedicar exclusivamente aos afazeres domésticos e aos filhos, se sente fracassada por não possuir sua independência junto ao mercado de trabalho. Causando assim, na mulher, um conflito interno de interesses que historicamente os homens não são acarretados.<sup>20</sup>

Vale ressaltar que, o trabalho na esfera pública, conquistado pelos homens foi a redução de jornada de trabalho e férias remuneradas. Algo longe de ser alcançados pelas mulheres na esfera privada, que vivem um regime de subordinação doméstica.

Outros fatores como formação acadêmica qualificada, também, ajudaram na participação feminina dentro das empresas. Entretanto, por mais qualificadas que as mulheres sejam, ainda existe um grande preconceito e segregação pelas funcionárias femininas, recebendo salários menores em relação aos seus colegas homens de mesmo cargo, dominação autoritária, assédios, além de barreiras culturais que impedem o avanço em cargos mais altos.

O preconceito contra a mulher decorre principalmente de um condicionamento cultural (senso comum) que define a mulher como um ser frágil e limitado intelectualmente.<sup>21</sup> Assim, para que a mulher possa disputar o mercado de trabalho, ela precisa estar mais qualificada que o homem e muitas vezes aceitar salários mais baixos.

Destarte, fica claro que as mulheres tiveram muitas conquistas sobre o seu papel na sociedade, no entanto seus direitos ainda são cerceados, não podendo exercer e nem descobrir sua personalidade por inteiro, sendo vedado, muitas vezes, seu livre desenvolvimento.

#### **4 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO FEMININO**

---

<sup>20</sup> KANAN, Lilia Aparecida. Poder e Liderança de Mulheres nas Organizações de Trabalho. *Revistões – Organizações e Sociedade*. Salvador. Pag. 243/257. 2010.

<sup>21</sup> BRUSCHINI, Cristina. PUPPIN, Andrea B. Trabalho de Mulheres Executivas no Brasil no Final do Século XX. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 121, p. 105-138, jan./abr. 2004.

A partir da década de 1970, com a crise estrutural do capitalismo, e o processo de recuperação do ciclo produtivo da economia, o chamado neoliberalismo, foi acentuada a desregulamentação e flexibilização das condições de trabalho, a privatização de empresas estatais e a perda de direitos e garantias trabalhistas.<sup>22</sup> De tal forma que, são verificadas modificações econômicas, sociais, políticas e ideológicas que refletem sobre a classe trabalhadora. Nesse sentido Ricardo Antunes define como classe trabalhadora:

Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital [...] o proletariado precarizado, o subproletariado moderno, part time, [...] os trabalhadores terceirizados e precarizados, [...] os trabalhadores assalariados da chamada “economia informal”, que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva na fase de expansão do desemprego estrutural.<sup>23</sup>

Para reverter o cenário de crise e recuperar a economia, o capital modifica sua acumulação de riqueza, para formas de acumulação flexível e de gestão organizacional, do avanço tecnológico, criando-se, assim, um novo padrão de produção – o toyotismo. Essas transformações mostram a reorganização do sistema capitalista, com a introdução de novos modos de dominação social, buscando recuperar a hegemonia nas diversas esferas de sociabilidade. Acentua-se, assim, um novo estilo de organização industrial e também da

---

<sup>22</sup> NOGUEIRA, Claudia Mazzei. *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. Campinas: Autores Associados, 2004. pag. 32

<sup>23</sup> ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas: Universidade Estadual de campinas, 2005. Pag. 103 – 104.

relação capital-trabalho, que exige um perfil de trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional e polivalente.<sup>24</sup>

Um dos principais fundamentos do toyotismo é a qualidade do produto, que vem como forma de valorização da mercadoria. Assim, quanto mais qualidade o produto tiver, menor será a sua durabilidade, isto é, diminui-se o tempo de vida útil para acelerar o circuito produtivo desses produtos. Outro ponto importante desse sistema é a alienação do que se produz e para quem se produz, uma vez que, a linha de produção é desconcentrada, com introdução de máquinas e tecnologias, além da terceirização.<sup>25</sup>

Nesse sentido, preconiza Sara Diniz Nascimento:

Tal processo acentua a raiz da acumulação capitalista, isto é, aprofunda a exploração da classe trabalhadora, pois o trabalho estável cede lugar às formas precarizadas de trabalho configuradas na expansão do trabalho parcial, temporário, terceirizado e informal.<sup>26</sup>

Juntamente com as mudanças econômicas sofridas na década de 1970, houve dentro do movimento feminista a construção e percepção da luta pela emancipação feminina. Assim, a participação das mulheres nas lutas de classe e na organização política aumentava-se, o enfrentamento ao discurso machista e conservador do papel natural da mulher como mãe e esposa ganhava força, assim, era preciso combater a opressão das mulheres, reivindicando por sua emancipação econômica e social.<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do Trabalho Feminino: A Realidade das Mulheres no Mundo do Trabalho. *Temporais (Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social)*. Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 39-56, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/6779/6145>> Acessado aos:01, out. 2019. p. 50.

<sup>25</sup> ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas: Universidade Estadual de campinas, 2005. Pag. 36

<sup>26</sup> NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do Trabalho Feminino: A Realidade das Mulheres no Mundo do Trabalho. *Temporais (Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social)*. Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 39-56, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/6779/6145>> Acessado aos:01, out. 2019. p. 51.

<sup>27</sup> NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do Trabalho Feminino: A Realidade das Mulheres no Mundo do Trabalho. **Temporais (Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social)**.

Nesse sentido, enfatiza Claudia Mazzeo Nogueira:

É nessa década que o combate à opressão contra mulher torna-se mais acentuado; era preciso, mais do que nunca, lutar pela sua emancipação, com todas as especificidades que isso implica, como, por exemplo, salários iguais, além da reivindicação de uma divisão mais justa no trabalho doméstico, na esfera reprodutiva, libertando, ao menos parcialmente, a mulher da dupla jornada.<sup>28</sup>

Mesmo havendo um expressivo aumento da participação feminina no mercado de trabalho nesta época, essa participação continua aparecendo de forma maior por meio de trabalhos precários e vulneráveis. O trabalho feminino continua sendo visto como mão de obra barata, ocupando funções de menor prestígio, sendo inseridas nos espaços marcados pela informalidade, sem mencionar que as mulheres exercem uma dupla jornada (trabalhando dentro e fora de casa).<sup>29</sup>

A mulher é inserida no mercado de trabalho de forma desigual ao homem, não sendo uma forma de emancipação e sim mais um meio de exploração e submissão do gênero feminino <sup>30</sup>. Assim, as mulheres ainda ocupam postos de trabalho periféricos e secundários, enquanto os homens continuam a efetuar as tarefas de maior prestígio e remuneração.

As consequências das novas tecnologias, em conjunto com a organização flexível do trabalho, repercutem distintamente sobre trabalhadores e trabalhadoras, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em via de desenvolvimento.<sup>31</sup> Dessa maneira, percebe-se que, em relação à divisão sexual

---

Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 39-56, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/6779/6145>> Acessado aos:01, out. 2019.

<sup>28</sup> NOGUEIRA, Claudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. Campinas: Autores Associados, 2004. p.37.

<sup>29</sup> AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. Revista Itinerarius Reflectionis. Jataí. v. 2. n. 13. 2012.

<sup>30</sup> CARLOTO, Cássia Maria. Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino. Disponível em: [www.ssrevista.uel.br/c\\_v4n2\\_carlotto.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v4n2_carlotto.htm) Acesso em: 01, out. 2019.

<sup>31</sup> NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do Trabalho Feminino: A Realidade das Mulheres no Mundo do Trabalho. Temporais (Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social).

do trabalho, as novas tecnologias reforçam a precariedade dos postos de trabalho ocupados por mulheres, a eliminação do emprego da mão de obra feminina não qualificada e a grande ausência destas em “postos técnicos e longe dos equipamentos caros e competitivos”<sup>32</sup>.

Portanto, verifica-se que a expansão do trabalho feminino, a partir das formas contemporâneas de trabalho, baseadas na flexibilidade e na introdução de procedimentos tecnológicos, tem reservado às mulheres as ocupações mais precarizadas, trabalho subcontratado e parcial, marcado pela informalidade sem garantias sociais, pelo desnívelamento salarial, além de subordiná-las às prolongadas jornadas de trabalho.

Assim, há uma verdadeira deterioração das condições de trabalho, principalmente o feminino, contribuindo para que a sua inserção se dê em condições precárias e inseguras, com intensificação da carga de trabalho, redução da remuneração e perda de direitos sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por muito tempo coube à mulher apenas o espaço privado: cuidar da casa e dos filhos. Somente no século XX, houve uma expressiva participação e reivindicação do espaço público, historicamente destinado ao masculino, pelas mulheres. A história parece ter conduzido as mulheres a uma posição de submissão e de ser comandada, favorecendo a restrição feminina ao âmbito privado e dificultando quanto a participação feminina na hierarquia dentro das empresas.

Essa imagem do feminino, construída e repassada aos longos dos anos, baseada na definição do espaço público como lócus masculino e espaço privado

---

Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 39-56, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/6779/6145>> Acessado aos:01, out. 2019. p. 50.

<sup>32</sup> HIRATA, Helena. A nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 231.

como habitat feminino, determina as oportunidades e a forma de inserção dos homens e das mulheres no mundo do trabalho, sendo o ingresso das mulheres atravessado pelo aspecto da subvalorização, o que impossibilita a colocação das mulheres no mercado de trabalho de forma digna e igualitária.

Devido as transformações econômicas e sociais o ingresso da mulher no mundo público se fez necessário, mantendo, no entanto, suas responsabilidades no âmbito doméstico. A inserção da mulher no mundo público foi permitida, primeiramente, para atividades cujas características atributos e habilidades socialmente consideradas femininas.

No cenário atual, a mulher já teve muitas conquistas no que diz respeito ao seu papel e lugar na sociedade. Todavia, por preconceitos historicamente construídos ela ainda sofre, retaliações e cerceamentos de seus direitos e seu livre desenvolvimento como pessoa.

## REFERENCIAS FINAIS

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 2012.

AMARAL, Grazielle Alves. Os Desafios da Inserção da Mulher do Mercado de Trabalho. **Revista Itinerarius Reflectionis**. Jataí. v. 2. n. 13. 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Universidade Estadual de campinas, 2005.

AYARZA, Susana. Mulheres e o mercado de trabalho os desafios da igualdade. **Tendências de Consumo**. 2018. Disponível em: < <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/mulheres-e-o-mercado-de-trabalho-os-desafios-da-igualdade/> > Acessado aos: 21, ago. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b. v.2.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mito. 10.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a. v.1.

BITTENCOURT, S. R. V. **A participação da mulher no mercado de trabalho e o cuidado dispensado aos filhos menores de sete anos, durante a ausência materna.** 1980. 75f. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1980.

BRUSCHINI, Cristina. PUPPIN, Andrea B. Trabalho de Mulheres Executivas no Brasil no Final do Século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 105-138, jan./abr. 2004.

CARLOTO, Cássia Maria. **Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino.** Disponível em: [www.ssrevista.uel.br/c\\_v4n2\\_carlotto.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v4n2_carlotto.htm) Acesso em: 01, out. 2019.

CARRIERI, Alexandre P.; TEIXEIRA, Juliana C.; NASCIMENTO, Marcos C. R. **Gênero e Trabalho:** perspectiva, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais. Salvador: EDUFA, 2016.

COLLING, Ana Maria. Mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. **História em Revista.** n. 10. 2004.

CORRÊA, A. M. H. **O assédio moral na trajetória profissional de mulheres gerentes: evidências nas histórias de vida.** 2004. 184f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

HIRATA, Helena. **A nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

KANAN, Lilia Aparecida. Poder e Liderança de Mulheres nas Organizações de Trabalho. **Revistões – Organizações e Sociedade.** Salvador. Pag. 243/257. 2010. Disponível em: <<https://rigs.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11104/8017>> Acessado aos: 21, ago. 2019.

KHAN, Teresa. SHARPLES, Marion. Making trade work for gender equality. **Gender and Development Network**, julho 2017.

NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do Trabalho Feminino: A Realidade das Mulheres no Mundo do Trabalho. **Temporais (Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social).** Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 39-56, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/6779/6145>> Acessado aos:01, out. 2019.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho:** entre a emancipação e a precarização. Campinas: Autores Associados, 2004.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.



SUK, Julie. Gender Inequality and the infrastructure of Social Reproduction.  
**Law and Political Economy.** 2018.